

BERNARD MANDEVILLE E AS ESCOLAS DE CARIDADE¹

Ari Brito²

RESUMO: Bernard Mandeville é conhecido por uma única obra, e talvez mesmo por uma única frase: ‘Vícios Privados, Benefícios Públicos’, justamente o subtítulo da obra **A Fábula das Abelhas**. Este artigo tem como objetivo discutir apenas algumas das propostas de Mandeville, expostas numa das várias partes em que se divide **A Fábula das Abelhas**, a saber: a crítica extremada de Mandeville à educação das classes trabalhadoras de sua época. Foi esse ensaio que primeiro chamou a atenção do público e começou a fazer do médico holandês, transformado em escritor britânico, uma figura mal quista. Trata-se, no final, de tentar relacionar as ideias de Mandeville sobre a educação para os pobres com sua teoria principal sobre o social.

Palavras-chaves: Liberalismo, Educação, Mandeville, Escolas de Caridade

ABSTRACT: Bernard Mandeville is known for a single work, and perhaps even a single sentence: 'Private Vices, Public Benefits', just the subtitle of the book *The Fable of the Bees*. This article aims to discuss one of the ideas proposed by Mandeville, namely the extreme rejection of the working classes free education by Mandeville. It was on the essay about the Charity Schools, one of the parts of *The Fable of Bees*, that Mandeville put in words his abhorrence against a process occurring in his age, the foundation of schools for the poor working people. This essay caught the public's attention and began to turn the Dutch physician, turned a British writer, into an evil figure. Trying to relate the ideas of Mandeville on education for the poor with his main theory about the social can help to illuminate some aspects of the former

Key-words: Liberalism, Education, Mandeville, Charity Schools

Bernard Mandeville (Holanda, 1670/Grã Bretanha, 1733) foi um escritor controverso em sua época, e durante o resto do século XVIII. O motivo do escândalo causado por suas ideias pode ser encontrado já no seu poema **The GrumblingHive**,

¹ Neste artigo foram utilizados, com mudanças, trechos da tese de doutoramento *As Abelhas Egoístas: Vício e Virtude em Bernard Mandeville* (2007), do mesmo autor. A tradução de trechos da obra de Bernard Mandeville *The Fable of Bees* (*A Fábula das Abelhas*) foram feitas pelo autor.

² Professor da Universidade Federal do Mato Grosso.

orKnavesturn´dHonest (A Colmeia Murmurante, ou Canalhas tornados Honestos), publicado anonimamente e sem nenhum sucesso público em 1705, no qual se encontra a proposição de que vícios como a vaidade, a luxúria, a inveja, a avareza e o orgulho é que seriam as bases reais do desenvolvimento econômico e social, e não as tão decantadas virtudes da humildade, economia, abstinência etc. Essas virtudes, aliás, praticamente inexistem, só podendo ser encontradas nos discursos proferidos por aqueles que procuram enganar aos outros, ocultando os vícios que os levam a agir. O resultado final das ações das pessoas, que buscam, sobretudo, satisfazer seus apetites dentro de um mundo corrupto é bom: as amenidades da vida advêm apenas e tão somente desta busca, que é de todos. O escândalo não está em Mandeville ter escrito que todos procuram o que lhes apetece, mas sim que a boa sociedade seria constituída pela união dessas buscas egoístas. Cada parcela da população, cada grupo social, cada profissão da colmeia, contribuía com seus truques, pois “Assim cada parte estava plena de vícios/ Mas a massa completa era um paraíso” (**A Colmeia Murmurante**, versos 155- 156).

Apesar do fracasso de seu poema, Mandeville não desistiu dele. Pelo contrário, tornou-o o ponto central de uma extensa obra, grande parte da qual nada mais é do que comentários a trechos específicos do poema. O poema, mais os comentários, mais diálogos e alguns ensaios acabaram formando uma obra notória, **A Fábula das Abelhas**, editada em dois volumes em 1723. Nesta edição foi incluído o *Ensaio Sobre a Caridade e as Escolas de Caridade*, cujo principal objetivo era o de “provar que há necessidade de uma certa porção de ignorância numa sociedade bem ordenada” (Mandeville, 1997, p. 130) que rapidamente fez surgir uma tempestade de críticas específicas ao que nele era defendido, críticas essas que, deve-se notar, tiveram um caráter religioso e moral, e não especificamente político. O ensaio ia contra toda a tendência da época de apoiar com fervor o que era chamada então de Reforma dos Costumes, uma série de tentativas de se melhorar o padrão moral da população, principalmente a parte mais pobre dessa, através de obras de caridade públicas, como escolas, hospitais e asilos. Mandeville vai contra essa corrente, afirmando que não que é perda de tempo tentar dar educação aos pobres, mas sim que é perigoso, pois esses, se educados para além das necessidades de seu nível de vida, tornar-se-iam insatisfeitos com o que têm e conseguem, e queriam mais. Tentariam sair de sua “classe”, por assim dizer. Essa ideia levantou uma tempestade de polêmicas porque no justamente momento em que foi expressa ocorria todo um movimento, de cima para baixo, que tinha como intenção melhorar o nível

moral das classes pobres. Ocorre, porém, que para melhorar o nível moral dessas, havia a necessidade de educá-las, o que significava o aprendizado de leitura e escrita. Ora, Mandeville se preocupou com a desestabilização que esse tipo de educação, por mínima que fosse, poderia trazer. Para ele, o consumo e a produção de bens na sociedade dependem do trabalho pois quanto mais uma sociedade se desenvolve mais precisará, para que se viva bem nela, de uma divisão maior do trabalho. Apenas, a base dessa sociedade sempre estará naqueles trabalhadores “que, em primeiro lugar, são durões e robustos, nunca estando acostumados nem às coisas fáceis nem às vagabundagens e, em segundo, rapidamente satisfeitos com as facilidades da vida como as que podem obter com os tecidos mais grosseiros em todas as roupas que usam, e que na sua dieta não tem outro objetivo senão o alimentar seus corpos quando seus estômagos assim o exigem...” (Mandeville, 1997, p. 121). Por mais que uma determinada sociedade melhore o seu nível de vida, a base dela sempre deve ser mantida: trabalhadores brutos e sem nenhuma tendência a almejar coisas melhores das que a que já têm. Não se pode afirmar que Mandeville diz muito mais além do que muitos outros pensavam, mas a reação contrária ajuda a mostrar como a visão de progresso deste escritor era limitada, e que a necessidade de se manter todo um enorme grupo de pessoas nas mais abjetas condições não era tida como necessária certa, seja de um ponto de vista moral ou econômico.

Não se pode esquecer, porém, que a discussão toda de Mandeville - e contra Mandeville - se fez, como era comum então, em termos de moralidade. Não é por acaso que ele inicia o seu *Ensaio Sobre a Caridade e as Escolas de Caridade* inquirindo sobre a natureza justamente da Caridade. Sem esse primeiro passo, o resto não teria importância. Pois é com a passagem essencial, dos vícios aos benefícios, em volta da qual gira todo o escândalo filosófico causado pela **Fábula das Abelhas**, está ligada a questão da virtude: Mandeville expõe que toda volição, todo desejo, todo querer que venha de um apetite é, por definição, vicioso. E trata de demonstrá-lo através da apresentação de casos que, vistos de outra forma, seriam exemplos de virtude. Não são, pois o que está atrás dos chamados atos virtuosos é sempre, para Mandeville, um agir e um querer em causa própria. Ser bem visto pelos outros, ou até apenas se sentir melhor sabendo-se virtuoso é o que leva o ser humano a agir de uma forma aparentemente não egoísta. A virtude, claro, sendo o oposto do vício, só pode ser uma ação (ou disposição para agir) que não tem origem em nenhum apetite, em nenhuma paixão. Ninguém está imune às artes do elogio insincero, e todos querem ser bem considerados,

mesmo que não haja razão verdadeira para tal. Mas não haveria virtudes exercidas em silêncio, isto é, que não se traduzissem em vantagens materiais ou sociais, este sendo o critério de Mandeville para uma ação virtuosa? A resposta é negativa, e mesmo a compaixão, a mais gentil e a menos maliciosa de nossas paixões, é tanto uma fragilidade de nossa natureza como o são a ira, o orgulho e o medo. A recompensa para uma ação vista como boa é, no mínimo, o orgulho em tê-la realizado, isto é, a autocontemplação do próprio ato, e a autovalorização daí resultante, que é tão sinal de orgulho como a palidez e o tremor são sinais de medo.

Ora, no ensaio em questão, *Ensaio Sobre a Caridade e as Escolas de Caridade feitas para os pobres*, e pagas por quem as fundou, se faz com a virtude da caridade o mesmo que Mandeville fez com a virtude em geral, a saber, só existe Caridade quando o “sincero amor que temos por nós mesmos é transferido puro e sem nenhuma mistura para outros que não tem conosco relação nenhuma de parentesco ou amizade, e mesmo para completos estranhos, para os quais não temos nenhuma obrigação nem possibilidades de obter qualquer coisa deles. Se diminuirmos o rigor dessa definição, parte da virtude está perdida” (Mandeville, 1997 p.109). Uma definição clara e estrita como essa traz vantagens inúmeras para quem a defende. Uma visão mais pragmática poderia aceitar sem problemas o abrandamento da virtude Caridade, mas Mandeville escreve para cristãos que de forma alguma poderiam aceitar que fazer o bem para quem se conhece ou, se não for este o caso, para quem do qual quer algo em troca fosse de algum modo uma diminuição do espírito cristão. Não foi difícil para Mandeville mostrar que se faz caridades por motivos pessoais, sempre querendo algo em troca, tendo essa virtude, na prática, outras intenções do que meramente fazer o bem (não se vendo a quem). Aparentar ser melhor do que se é não deixa de ser algo comum, mas a acusação de Mandeville é mesmo de hipocrisia. Já quanto à paixão da piedade ou compaixão, Mandeville afirma que essa paixão é uma imitação da Caridade, sendo causada pela visão ou conhecimento dos sofrimentos de outrem, uma tendência humana que afeta de maneira menor ou maior a todos. Mas, como a compaixão se dá porque toda pessoa pode se colocar no lugar que quem sofre, e ter medo de sofrer o mesmo destino, não é uma virtude, e sentir pena não é algo virtuoso. Já quanto às escolas para os pobres, que estavam sendo feitas por toda a parte na Grã-Bretanha, as intenções de ajudar (sem ter nenhuma recompensa) sequer podem ser a sério levantadas, pois a intenção dessas escolas era justamente a de ajudar a formar bons cristãos, educados o suficiente para trabalhar melhor, ganhar um pouco mais e obviamente respeitar seus

superiores. Aí estaria o engano, segundo Mandeville. Pobres mais bem educados não se contentariam em ficar numa situação tão baixa, mas passariam a querer o que só não querem ainda por pura ignorância, uma vida melhor, melhores roupas, comidas mais saborosas e, o ponto crucial, certamente se recusariam a continuar a trabalhar arduamente. Quem então realizaria as tarefas tão necessárias para a sociedade?

Mandeville está indo contra a corrente. Mas, essa visão negativista e, mesmo para os tempos dele, reacionária teria alguma base no essencial de suas propostas? Responder a essa questão de forma cabal exigiria uma revisão completa do que é apresentado na **Fábula das Abelhas**. O que se pode fazer aqui é mostrar como se poderia apontar para os sinais de uma resposta, mas nunca respondendo-a completamente. Os “vícios privados” levam a benefícios públicos, mas não de forma direta. Para que essa junção seja feita, Mandeville apelou para uma esquisita figura, a do “político sagaz”. Esse político hábil e seus pares são aqueles que controlam as sociedades desde as mais priscas eras, conseguindo fazer com que do arraial de vícios privados surja algo no qual se possa viver. Os ‘políticos sagazes’ enganam o povo, simplesmente, fazendo-os pensar que eles, políticos, não possuem os mesmos vícios que as pessoas do povo. Eles dividiram de forma mentirosa os seres humanos em dois grupos muito diferentes: “um contendo as pessoas abjetas, de baixo nível intelectual, que correm atrás do usufruto imediato dos prazeres, o outro consistindo de uma classe formada por criaturas de alto espírito que, se dizendo livres do sórdido egoísmo, consideravam a melhoria da mente como sendo a sua maior propriedade e, desprezando o que tinham em comum com o outro grupo, opuseram-se, com o auxílio da razão, às suas mais violentas inclinações e que, lutando numa guerra interminável contra si mesmo para promover o bem comum, eles tinham por objetivo nada menos que o bem comum e a conquista de suas próprias paixões”. (Mandeville, 1997, p. 38) Ora, esses interesses são tão egoístas quanto qualquer ação realizada por aqueles que não fazem parte dessa camada superior, nos explica Mandeville. E as qualidades humanas consideradas como sendo as melhores, não por acaso, são justamente aquelas que tornam mais fácil o domínio dessa camada. A pretensão desta funda-se sobre um engano, sobre uma mentira: pois na verdade os que estão embaixo e os que estão em cima são fundamentalmente iguais, as diferenças sendo afirmadas devido à vergonha que traria a admissão da igualdade real e, não se pode esquecer, pelo receio da perda de poder que resultaria dessa admissão.

Mas, uma vez afirmada essa diferença entre cultos e incultos, entre sofisticados e grosseiros, entre castos e libertinos, isto é, “lançadas as bases da política, é impossível que o

homem possa permanecer por muito mais tempo incivilizado.” (Mandeville, 1997, p. 39) Todas as pessoas passam a querer imitar aqueles que são vistos e proclamados como sendo os melhores. Essa emulação não deve ser confundida com uma tentativa de aperfeiçoamento moral das pessoas, pois elas não tentariam ser de fato melhores, mas sim tentariam parecer melhores, para ganhar o respeito dos outros. Como se sabe que os piores dentre os “bons” teriam o maior interesse em valorizar “o espírito público, de forma que eles possam colher os frutos do trabalho e da abnegação dos outros, ao mesmo tempo satisfazendo seus apetites sem serem perturbados em excesso”. (Mandeville, 1997, p.39). Ao invés de tentar retirar à força o que se quer dos outros, algo sempre sujeito a azares, trata-se de convencê-los a entregar o que se quer deles, fazendo-os imaginar que outras pessoas lhes sejam superiores, e portanto merecedoras do melhor. A socialização baseia-se nessa troca entre enganados e farsantes. Apenas, ela tem funcionado muito bem, como Mandeville nunca se esquece nem deixa o leitor esquecer. Não são só os de cima que vivem melhor nesse mundo hipócrita. Se esses têm acesso a regalias, os outros, acreditando em fantasias, se abstêm de procurar as mesmas regalias para si próprios, o que não é ruim, já que não há como todos usufruírem dos mesmos privilégios e riquezas. O grande perigo não é um aumento da hipocrisia, sequer da exploração, mas sim uma tentativa mal pensada em reformar esse estado de coisas. Está bom como está, até porque os vícios principalmente, mas não exclusivamente, dos membros das classes endinheiradas, levam ao aumento da circulação de riquezas, criando empregos, e fazendo, como está descrito na **Colmeia Murmurante**, que o pobre hoje viva melhor que o rico ontem. Para que tal sistema exista e floresça, explica Mandeville no *Inquérito sobre a Origem da Virtude Moral*, uma das partes da **Fábula das Abelhas**, é necessário que ocorra uma hábil manipulação do orgulho e da vergonha dos homens por políticos habilidosos, pois “mais fundo nós adentramos na natureza humana, mais nos convencemos que as virtudes morais são a progênie política que a adulação gerou com o orgulho.” (Mandeville, 1997, p. 41).

O sistema montado na adulação e lisonja não leva necessariamente a um soberano todo-poderoso, ou a governantes tirânicos. Ele é compatível com qualquer sistema político e qualquer governo, aparentemente. Poder-se-ia pensar que funciona quase ao deus dará, ou dirigido por uma mão invisível. Mas não é bem assim, a metáfora que Mandeville usa é a do relógio: a sociedade pode ser comparada a um relógio, instrumento que demorou a ser planejado, construído e aperfeiçoado mas que, depois de montado e posto a funcionar, não precisa mais de intervenção externa. Tentar melhorar o relógio enquanto este estiver

funcionando levaria com certeza à sua parada. E, para Mandeville, com toda a certeza a Grã-Bretanha de sua época estava funcionando a contento, o perigo não sendo nem a corrupção nem a riqueza diferentemente distribuída, mas sim as tentativas tolas de reformar a moral e os costumes. Para outros lugares e tempos, tentar segurar as paixões humanas pode ser a única saída para o lugar e época de Mandeville seria um erro enorme, advindo não da intenção tantas vezes expressa de melhorar a vida das pessoas aqui e no mundo que virá, mas sim do orgulho, que leva a se querer mandar e a querer que todos vivam como lhes for ordenado. E, como sempre há aqueles para os quais o desejo de mandar, exigir e controlar supera quaisquer inconvenientes, é necessário que se esteja alerta, para que orgulhosos candidatos a líderes não criem situações em que possam causar muitos problemas. E para Mandeville educar as classes mais baixas seria plantar e depois colher problemas. Mas porque teria de ser assim, já que em outros momentos Mandeville, como bom iluminista, explica que o tempo de enganar a população já passou, e que agora a verdade já pode ser revelada?

Já que, como quer Mandeville, a honra e a vergonha de cada um depende da opinião das outras pessoas, ninguém quer parecer ser o que é, mas todos querem parecer melhores do que são, daí a hipócrita (ou não, para Mandeville isso não importa) insistência de todas as pessoas em serem vistas como honradas, honestas e piadas. As aparências são, no caso, a realidade, mesmo que pareça haver prova em contrário. Ora, como cada um quer apenas o que é bom para si, os mais espertos, os políticos sagazes, hábeis, encontraram no passado uma forma de dividir o bolo a seu favor, ensinando os menos favorecidos a acreditar em fábulas, isso é, a se contentarem com o seu parco quinhão, na espera de tempos melhores, enquanto os que mandam usufruem no aqui e agora os prazeres possíveis, o mais das vezes sob uma capa de sobriedade e contenção. Só que esse engodo não é mais necessário: na atual situação (início do século XVIII) as riquezas geradas, o grau avançado de desenvolvimento já alcançado torna não só desnecessário, mas positivamente danoso que se continue a negar às pessoas o usufruto dessas riquezas, sob quaisquer pretextos. Que os vícios corram soltos, e os benefícios públicos aumentarão. Mas não para aqueles que estão lá embaixo. Porque a diferença? Porque mesmo na sociedade tida por Mandeville como avançada e pronta para abandonar as desculpas anteriores que a justificavam, há toda uma camada da população que não pode ser iluminada? Para Mandeville, o próprio funcionamento dessa sociedade dependeria disso.

Pois a **Fábula das Abelhas** toda pode ser entendida como uma defesa de uma sociedade comercial, onde o dinheiro imperaria, dinheiro este que, não custa observar, não seria igualmente distribuído, assim como não os seriam os benefícios do comércio cada vez mais abrangente. Mandeville, como sempre, nega a satisfação da boa consciência, ao negar que há, naturalmente, um lugar para cada coisa, e cada pessoa. À satisfação dos desejos satisfeitos não deve ser acrescentada a satisfação de que se está no melhor dos mundos possíveis, e que tudo caminha como deve ser. Não por nenhuma imposição moral, longe disso, mas sim porque essa satisfação é tola e perigosa. Uma sociedade de comércio não deve se pensar como natural, e a salvo de riscos, um dos quais está nas camadas mais baixas dessa sociedade. Mandeville alerta contra os riscos de se tratar os pobres bem demais, deixando-os ainda mais insatisfeitos com sua situação. Essa tomada de posição podendo ser explicada de mais de uma maneira, mas o que cabe aqui ressaltar é que Mandeville, assim como outros pensadores do século XVIII, não possuía um conceito de progresso que permitisse a esperança de uma melhora gradual e permanente das condições sociais. Que se tinha chegado a um bom estágio no nível de vida, nunca antes visto na história da civilização, era admitido, mas que esse alto estágio iria se manter, ou se ampliar, isso estava longe de ser dado como certo. Pelo contrário, a ameaça de que tudo derruísse era vista como premente. Ao invés de se pensar nas ideias de Mandeville como argumentos pró-capitalistas antes da vitória do capitalismo, deve-se pensar que os argumentos eram a favor da sociedade vigente, e não de uma futura, e impensável, sociedade baseada na industrialização, que na época de Mandeville não era sequer incipiente. Há que se notar que a ênfase toda da visão econômica de Mandeville está no consumo, e não na produção, (nunca no reinvestimento do capital adquirido em mais produção). Sem uma noção mais elaborada de progresso, ou melhor, de desenvolvimento contínuo, haveria que existir um limite para as classes baixas da população, pois não havia como defender a posição de que a visível melhoria de vida chegaria um dia a elas. Uma noção de progresso na **Fábula**, e existe uma, mesmo que não totalmente desenvolvida, tem que necessariamente estar em conflito com outra noção, a dos “políticos sagazes”. Um longo período de desenvolvimento, como Mandeville descreve na segunda parte da **Fábula das Abelhas**, de mais de uma maneira não parece se coadunar com a ênfase dada na primeira parte da mesma obra à ação dos “políticos sagazes”. Não se deve esquecer, no entanto, que quando Mandeville vivia, nem tudo estava colocado como hoje em dia, havendo um mal-estar patente, se não sobre o dinheiro, pelo menos sobre a predominância social do comércio e do

comerciante. Na sua época, a Inglaterra e Gales se uniram à Escócia, formando a Grã-Bretanha, já a ponto de ser uma potência dominante na Europa. Economicamente, depois de derrotar o país natal de Mandeville, a Holanda, em guerras navais, o Reino Unido já era o suficientemente rico e próspero para despertar inveja e medo. E essa riqueza, antes de se tornar industrial, décadas depois, era comercial e financeira. O que parece atualmente uma situação banal, o do predomínio da economia na vida política e social, muda de figura quando se percebe que a predominância do dinheiro vindo do comércio, e as mudanças que esse mesmo comércio acarretava na vida social, eram grande fonte de preocupação, não econômica, mas moral. Uma delas era a possível perda de vigor marcial, trazida pelo usufruto de bens luxuosos. Outra era justamente a preocupação expressa por Mandeville e também pelos defensores das Escolas de Caridade: como fazer para as classes subalternas não se rebelarem com seu destino? Para Mandeville, a solução seria simplesmente não fazer nada, deixá-las onde estavam. Para outros, a solução seria educá-las. E essa foi a alternativarealmente aplicada com muito sucesso.

Pelo exposto acima, pode-se encontrar razões econômicas para Mandeville ser contra a Caridade e a educação dos pobres, à custa de deixar parte da população fora da área do consumo cada vez maior de todos os tipos de produto. Mas como encaixar essas pretensas razões econômicas com o que se pode chamar de psicologia d A Fábula das Abelhas? Isto é, como se pode pensar que seria factível manter, dentro de uma sociedade já voltada para o consumo e para o prazer, uma parte da população sem acesso aos produtos que circulavam em maior quantidade a todo novo dia? Isso, como Mandeville explica, foi possível enquanto os que comandavam fingiam não viver melhor que os outros, mas como continuar essa farsa num outro momento histórico, no qual o incentivo à satisfação dos desejos e a consciência de que os seres humanos são iguais na questão de pensarem primeiro e acima de tudo cada qual em si mesmo? Inadvertidamente, Mandeville acaba defendendo algo que, para ser feito, diminuiria as riquezas da sociedade comercial que tanto prezava, fazendo com que esta voltasse no tempo. A solução mais óbvia, um aprendizado para o consumo, aumentando a satisfação dos desejos, foi dada por aqueles que não concordavam com Mandeville, mas que agiram como políticos sagazes, dando respostas boas e controladoras à uma nova situação social. Algo que não deixa, afinal, de ser irônico. .

REFERÊNCIAS

Mandeville, Bernard (1997) – **The Fable of the Bees and Other Writings** Hackett Publishing Company Co. Indianapolis/Cambridge

Gellner, Ernest (1996) **Condições da Liberdade, A Sociedade Civil e seus Rivais**Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro

Gianetti, Eduardo-(2007) – **Vícios Privados, Benefícios Públicos? A ética na riqueza das nações**Companhia das Letras, São Paulo

Goldsmith, M. M.(1985)- **Private Vices, Public Benefits, Bernard Mandeville's social and political thought** Cambridge University Press, Cambridge

Ribeiro, Renato Janine (2005)**O Afeto Autoritário** - Ateliê Editorial, São Paulo

Schneewind, J. B. (2001)- **A Invenção da Autonomia** Editora Unisinos, São Leopoldo